PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista Maristela Cizeski – Rede comunitária de proteção à criança

A Rede Comunitária de Proteção à Infância e à Adolescência é uma rede que envolve a ação de várias instituições, comunidades e áreas governamentais que atuam em questões sociais, definindo estratégias para prevenção, atendimento e incremento de políticas públicas para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Para entendermos como isso acontece na prática, conversamos com a Maristela Cizeski, articuladora nos conselhos e fóruns de direitos das crianças e do adolescente.

Maristela, quais são as principais medidas a serem tomadas para preservar a infância?

Nós precisamos que as famílias se deem as mãos, para que possam criar entre si laços de amizade. Também precisamos que elas derrubem essas barreiras de medo um do outro e de cada um tem seu mundo, porque nós vivemos em uma sociedade.

Como conscientizar que toda a vizinhança se torne responsável no cuidado e também no desenvolvimento das crianças de cada comunidade, Maristela?

O artigo 227, da Constituição Federal, diz que é dever do Estado, da sociedade e da comunidade cuidar das crianças. Já, o artigo 4 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), reforça que é dever do Estado, da sociedade, da comunidade e da família. Mas, parece que nós, em nossas comunidades, a primeira coisa que

fazemos é denunciar. Por isso, o trabalho da Pastoral da Criança é tão importante, para que possamos realmente, fazer a inclusão das crianças em sua totalidade.

A Pastoral da Criança consegue ajudar e quebrar um pouco esse esquema de barreiras entre as famílias?

Eu acredito que a Pastoral da Criança consegue quebrar muito isso, muito. A partir do momento que você reúne uma comunidade, em um espaço onde cada um possa falar, dizer o que está acontecendo e que não sejam julgados por isso, é criada uma rede. A sociedade tem que voltar a sentar na Roda de Conversa, olhando um para o outro, para se reconhecerem, porque nós não nos reconhecemos mais.

As crianças crescem nessa convivência, não é mesmo Maristela?

As crianças crescem, felizmente, nesse aglomerado como um todo, com a família, com os vizinhos, com todos que estão aí. É maravilhoso. Mas, por sua vez, se eles tivessem uma orientação melhor, uma visão mais ampliada, seria muito melhor. Hoje, os meninos e meninas ficam reféns de uma sociedade que já consegue mais orientar, que não consegue provocar uma mudança, porque ela mesma já não consegue isso pra si.

Há vários casos de abuso, maus tratos e violação dos direitos das crianças. Nessas situações, que é melhor fazer, denunciar ou conversar com as famílias?

Infelizmente, casos de maus tratos, abusos e violação de direitos das crianças são muito comuns. Eu diria que hoje, se você trabalhar a esmo da denúncia, ela não se fortalece. Ela deve ser feita sim. Mas, o trabalho maior, essa Rede de proteção a criança, ele inclui conversar com a família, para que ela possa entender melhor o seu papel, até porque, o mau trato, ele ocorre em sua grande maioria, dentro de casa. Também há casos nos espaços públicos e nas comunidades. Todos nós sabemos que é uma violação dos direitos das crianças, bater ou abusar dela de várias formas, esses casos, eles deixam marcas profundas nas crianças, que no futuro, na vida adulto delas, vai vir à tona, de uma forma ou de outra e ela vai esboçar isso para a sociedade.

A falta de conversa antes da denúncia faz com que muitas vezes, a criança sofra de novo por ser separada dos pais, não é mesmo?

A criança sofre e reivindica, porque ela pode não ter nesse espaço de tempo, o entendimento claro do que houve, do que é negligência ou de que violação aconteceu. Ela já é retirada dos seus pais, colocada no acolhimento institucional, em uma família extensa ou em uma família acolhedora. Ela é separada de sua família e de sua comunidade e é colocada em um espaço diferente, ou seja, totalmente fora de sua realidade. Então, para fazermos a denúncia em si, podemos usar o disque 100. Mas, temos de denunciar aqueles casos em que o violador é o adulto.

E na sua opinião, Maristela, como deve agir o líder da Pastoral da Criança? Explica para a gente.

O líder da Pastoral da Criança, ele recebeu um mandato não judicial, mas um mandato divino de cuidar daquelas crianças. Creio que a Pastoral, ela precisa denunciar e proteger também. Então, a líder da Pastoral da Criança é aquela que olha, que cuida, que protege e se ela precisar ser dura, forte, ela será. Mas, tudo isso com ternura, para que ela realmente seja uma proteção para os meninos e meninas.

Esta entrevista é parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
Programa de Rádio 1355 - 18/09/2017 – Rede comunitária de proteção à criança